

UMA ETNOGRAFIA DA ROMARIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO VALE DO GUAPORÉ - RONDÔNIA



<https://doi.org/10.56238/arev7n7-200>

Data de submissão: 15/06/2025

Data de Publicação: 15/07/2025

Rosa Moraes Putaré Poquiviqui

Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, (IFRO)
Campus Colorado do Oeste
E-mail: rosamoraespoquiviquiii@gmail.com

Érica Jaqueline Pizapio Teixeira

Doutora em Educação Escolar
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO),
Campus Colorado do Oeste
E-mail: erica.pizapio@ifro.edu.br

Janaine Vitória De Oliveira Delazari

Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, (IFRO)
Campus Colorado do Oeste
E-mail: janainevitoria1000@gmail.com

RESUMO

A origem desse trabalho parte de um projeto de pesquisa realizado no Instituto Federal de Rondônia, Campus Colorado do Oeste, a partir de um estudo cuidadoso de natureza qualitativa/etnográfica (Bogdan; Biklen, 1994; Angrosino, 2009) do campo das ciências humanas. Procedeu-se ao acompanhamento, observação e registros da 127ª Romaria do Divino Espírito Santo no Vale do Rio Guaporé no município de Pimenteiras do Oeste estado de Rondônia. Por se tratar de uma metodologia qualitativa, os retratos da cultura e da fé imanados, resultam no processo histórico-cultural da propagação do evento (Marx; Engels, 2021), numa fusão cultural (Vigotski; Luria, 1996), entre símbolos, gestos, movimentos, música e oração. Dentre os resultados dessa manifestação de fé, cultura e de história, a festa do Divino Espírito Santo, apresentou e representa em suas diversas características, a união entre os povos ribeirinhos, quilombolas, indígenas, pescadores e moradores das localidades por onde passou.

Palavras-chave: Romaria do Divino Espírito Santo. Rio Guaporé. Rondônia.

1 INTRODUÇÃO

A Romaria do Divino Espírito Santo é uma prática ritualística cultural realizada anualmente por comunidades ribeirinhas e quilombolas do Vale do Guaporé¹ no estado de Rondônia. Acontece em diversas comunidades entre a irmandade.

O festejo é marcado pelas visitas de caráter religioso em cidades, fazendas e povoados devotos do Divino Espírito Santo. Sua chegada em cada cidade, leva consigo uma ampla diversidade de fiéis advindos de localidades vizinhas em busca de conhecer o evento e propagar sua fé.

De acordo com dados da pesquisa, a Romaria do Vale do Guaporé, ocorre de forma fluvial na bacia do Rio Guaporé², partindo sempre do ponto em que ocorreu a última passagem da festa no ano anterior. Para isso, é feita uma assembleia geral com todos os presidentes de cada irmandade³, sendo sorteado o ponto final da caminhada em que ocorrerá a grande festa de Pentecostes⁴. Assim, são definidos os membros que completarão a próxima jornada e julgar qual será a melhor rota a percorrer de acordo com o ponto inicial de partida e o ponto final da festa. Vale ressaltar que este sorteio ocorre todos os anos ao final de cada romaria, conforme o Estatuto próprio da Romaria.

O roteiro da 127ª Romaria do Senhor Divino Espírito Santo no Vale Guaporé, fruto desse trabalho, foi elaborado em Costa Marques e assinado pelo então, presidente Geral das Irmandades, Francisco Gonçalves De Oliveira. Essa Romaria percorreu por 40 comunidades/povoados. Tais comunidades fazem parte da divisa entre Brasil e Bolívia, iniciando pela cidade de Pimenteiras do Oeste, estado de Rondônia e seguindo um percurso programado de acordo com o roteiro do evento.

Por um período de quatro dias consecutivos, realizou-se o acompanhamento por meio de instrumentos da pesquisa qualitativa e etnográfica, a observação e registros da 127ª Romaria do Divino Espírito Santo no Vale do Guaporé, no município de Pimenteiras do Oeste, no estado de Rondônia. Tal resultado originou esse trabalho o qual demonstra a cultura e a fé entre ritos e símbolos. Resultados os quais, assinalam um evento de considerável importância para a irmandade envolvida e para a população da região.

¹ O Vale do Guaporé abrange a área localizada na porção sul/sudoeste do Estado de Rondônia. São treze os municípios distribuídos ao longo de sua planície compreendendo os seguintes municípios: Costa Marques, São Francisco do Guaporé, Alta Floresta, Alvorada d'Oeste, Primavera, Cerejeiras, São Felipe, Alto Alegre, Pimenteiras, São Miguel do Guaporé, Parecis, Seringueiras e Cabixi.

² Pertencente ao sistema fluvial da Bacia Amazônica, com cerca de 1400 Km de extensão, o rio Guaporé nasce na Chapada dos Parecis, no estado do Mato Grosso, percorre o sudeste de Rondônia e forma a fronteira do Brasil com a Bolívia.

³ A Irmandade é formada por 12 irmãos, sejam eles casados de acordo com o que rege a igreja ou solteiros sem nenhum compromisso.

⁴ Pentecostes: tem origem grega (pentekoste) e significa “quinquagésimo”. É descrita no Novo Testamento (Bíblia), sendo a comemoração realizada em virtude da descida do Espírito Santo sobre a Igreja. Comemora-se cinquenta dias após a elevação de Cristo ao reino dos céus, ou seja, cinquenta dias após o domingo de Páscoa.

Destacamos com esse trabalho a contribuição popular e empírica dos envolvidos, no sentido em manifestar e perpetuar por meio da história e cultura, ou de uma fusão sociocultural (Vigotski; Luria, 1996) de um evento, cujos resultados, apresentam a demonstração da fé marcada pela união entre as pessoas participantes, ora partilhando a própria fé, ora partilhando as refeições entre suas casas e comunidade.

2 UMA BREVE HISTÓRIA DA ROMARIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

A bibliografia existente acerca do tema descreve a Festa ou Romaria do Divino, como uma criação portuguesa do século VIII, ainda durante o reinado de Dom Diniz e da rainha Santa Isabel (1261-1325), a qual está diretamente ligada à criação do festejo:

Conhecida popularmente como a Rainha Santa, que teria feito uma promessa ao Espírito Santo e construído um templo em Alenquer em homenagem ao Divino. Existem também outras versões afirmando que a rainha utilizava a sua própria Coroa simbolizando a coroação de pessoas simples, instituindo assim a criação de “impérios simbólicos” contendo locais apropriados que abrigavam imperadores, os quais eram responsáveis em comandar a festa de celebração ao Espírito Santo, reverenciado e agradecendo as graças concedidas por este. (Nascimento e Sousa, 2020, p. 100).

Segundo as histórias que versam a respeito da origem da Celebração em agradecimento ao Espírito Santo, contidas na obra “Festa Do Senhor Divino Espírito Santo 117 anos de tradição e fé 04 a 12/06”⁵, teria iniciado em virtude de uma grande desavença da família imperial, onde o Imperador Dom Diniz, tentou desertar seu filho legítimo⁶, assim entregando a sucessão do trono a um filho ilegítimo. Então, a rainha Santa Isabel teria discordado da decisão de seu esposo, desentendendo-se com ele. O fato levou a expulsão da rainha do palácio, onde a mesma foi morar em um mosteiro⁷, buscando refúgio e invocou em suas preces o Divino Espírito Santo. Suas preces dirigiam-se para livrar de seus tormentos e restaurar a paz na família imperial, pois a situação teria se agravado mais ainda, a medida que foi deserdado o filho ameaçado. Sendo que esse filho formou seu próprio exército e declarou tomar o trono que era seu por direito à força. Em contrapartida, o imperador reuniu seu exército e estava disposto a ir ao campo de batalha contra seu próprio filho, caso fosse necessário. Foi

⁵ A obra “Festa Do Senhor Divino Espírito Santo 117 anos de tradição e fé 04 a 12/06”, trata-se de um folheto feito pela Diocese de Guajará Mirim juntamente com a Paróquia Divino Espírito Santo em Conjunto com Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo e Costa Marques, contém a origem e o significado do Festejo. Folheto informativo, indicado pelos Romeiros ao grupo de pesquisadores durante a 127ª Romaria do Espírito Santo no Vale do Guaporé.

⁶ Filhos Legítimos na época eram os filhos biológicos, nascidos de pais unidos pelo matrimônio, já os filhos nascidos de relações fora do matrimônio eram tidos como ilegítimos.

⁷ Mosteiro: Instituição religiosa que abriga uma comunidade de monges ou monjas que vivem em comunidade e seguem uma vida dedicada à oração, contemplação, jejum e trabalho.

então que a Imperatriz depositou de vez todas as suas esperanças e sua fé e fez sua promessa ao divino Espírito Santo:

Se a situação fosse contornada, ela mandaria fazer uma cópia da coroa do império, colocando no altar dela o símbolo do Divino Espírito Santo (a pomba); e que a mesma haveria de peregrinar, se possível, o mundo inteiro, arrecadando donativos em Benefício da população pobre, (Diretoria da Irmandade do Senhor Divino Espírito Santo, Diocese de Guajará Mirim-RO, 2011, p. 4).

No dia da batalha travada entre pai e filho, os dois exércitos ao chegarem ao campo de batalha, avistaram um grupo de mulheres ajoelhadas ao chão. Quando se aproximaram, perceberam que se tratava de monjas, e, em meio a elas, estava a Imperatriz, onde juntas rogavam ao Espírito Santo para que a batalha não acontecesse e houvesse um acordo de paz. Ao serem questionadas, declararam o desejo de paz e ali permaneceram, pois preferiam perder a vida a presenciar a guerra entre pai e filho. Tocados pela imensa fé daquelas mulheres, o imperador e o filho legítimo se reconciliaram. Em sinal de gratidão pela benção alcançada, à imperatriz, cumpriu o prometido diante a corte e o povo, na Igreja do Divino Espírito Santo, o imperador colocou a coroa e o cetro ao altar e agradeceu ao Senhor Divino Espírito Santo pela ordem de paz. A partir de então, todos os anos no dia de Pentecostes, repetiam o ato em sinal de gratidão pela paz restaurada na nação.

A celebração de agradecimento a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, como prometera a imperatriz, se expandiu, alcançando outros continentes, além da Europa tornou-se muito popular na África, Índia, e América, principalmente em territórios colonizados pelos portugueses. Em terras brasileiras tornaram-se umas das práticas devocionais mais antigas e propagadas pelo catolicismo popular, evidenciando-se a partir do século XVIII, principalmente, no Rio de Janeiro, e assim se espalhando por todo o território nacional.

2.1 A ROMARIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO ESTADO DE RONDÔNIA

Desde sua implementação até os dias atuais, apresenta uma singularidade e particularidade regionalmente, ao longo das culturas aderentes. Por exemplo, na região norte do país, especificamente, na região do Vale do Guaporé no estado de Rondônia, local dessa pesquisa, a festa do Divino Espírito Santo, é uma prática cultural remanescente quilombola, com suas raízes ligadas à cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade no estado do Mato Grosso⁸.

Em Rondônia, a festa do Divino tem grande respaldo nas populações remanescente de quilombos, uma vez que é majoritariamente organizada por negros pertencentes aos mais antigos núcleos de povoamento da população negra no Vale do Guaporé, a saber: Santa Fé,

⁸ Vila Bela da Santíssima Trindade foi a primeira capital do Mato Grosso, é um símbolo no país de preservação da cultura afro, herdada do antigo Quilombo do Quariterê. A comunidade de negros ficou conhecida no século XVII por ser comandada por uma mulher, Teresa de Benguela e por abrigar indígenas.

Pimenteiras do Oeste, Rolim de Moura do Guaporé, Pedras Negras e Ilha das Flores. (Silva, 2015, p. 53).

A Romaria é realizada no estado de Rondônia desde 1893. Geralmente realiza-se entre o domingo de Páscoa ao dia de Pentecostes repleta de símbolos e práticas religiosas que atendem os anseios e crenças de suas comunidades.

Segundo registros históricos, acerca da origem da Romaria na região, consta que ao chegar à Vila Bela da Santíssima Trindade no estado do Mato Grosso, a coroa de prata foi levada a São Vicente de Paula, mas em dado momento, devido a conflitos da época com os indígenas que ali habitavam, algumas pessoas se obrigaram a retorná-la à Vila Bela da Santíssima Trindade e consigo levaram a coroa, o cetro e a bandeira que veneravam na região. Então, entregaram os objetos sagrados ao Bispo da época, Dom Aquino, onde os mesmos passaram a permanecer nas regiões próximas ali, tais como, Morrinho e Ilha das Flores⁹.

De acordo com dados empíricos, tamanha era a fé emanada da população, que, as comunidades não conseguiram ficar muito tempo afastado dos símbolos, os quais reforçavam e concretizavam sua crença. Foi assim que surgiu a ideia de realizar anualmente um momento onde os símbolos seriam levados até essas comunidades. Então, ocorreu em 20 de maio de 1894 no lugarejo de Morrinho, uma missa celebrada para adoração do Divino. Desde então, o momento de adoração se expandiu pelas comunidades e passou a ocorrer todos os anos na região.

Após a posse dos objetos sagrados, o grupo definiu que em onde houvesse uma capela ao longo do rio Guaporé e seus afluentes, o Divino poderia visitar, caso esse local demonstrasse o desejo em receber a visita. Então, muitos locais passaram a fazer parte do evento e da rota das visitas no período da romaria, e tais povoados, vilarejos, municípios.

No ano de 2024, conforme os dados levantados nessa pesquisa, a 127ª Romaria do Divino Espírito Santo, no Vale Guaporé, aconteceu a partir de um documento com a rota das visitas definidas em Costa Marques, estado de Rondônia, sendo assinado esse documento pelo então presidente Geral das Irmandades, Francisco Gonçalves De Oliveira. A referida romaria percorreu por 40 comunidades e povoados entre a divisa do Brasil com a Bolívia. Teve o início no município de Pimenteiras do Oeste, estado de Rondônia/Brasil. Em seguida se dirigiu-se para cumprir a rota de visita nos seguintes locais: Santa Cruz, Pousada Pirarara, Bela vista, Piso Firme, Remanso, Cafetal, Base Valle Itenez, Laranjeiras, As cruces, Porto Rolim, Tarumã, Ilha Das Flores, Mateguá, Pedras Negras, Porto Federico, Versalles, Santo Antônio, Porto Murtinho, São Miguel, Seringueiras, Nilton, Baía de Santa Luzia, Santa Isabel, Santa Fé, Costa Marques, Buena Vista, Nueva Brema, Porto Vó Terezinha, Fazenda Asa

⁹ Ilha das Flores: comunidade localizada às margens do Vale do Guaporé.

Branca, Surpresa, Sagarana, Baía da Coca, Ricardo Franco, Baía das Onças, Porto Acre, Polo Norte, e por último na cidade de Forte Príncipe da Beira, onde consistiu a festa de Pentecostes no dia 19 de maio de 2024.

3 DELINEANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa nasceu com o intuito de divulgação da tradição centenária da Festa do Divino Espírito Santo no município de Pimenteiras do Oeste. Um pequeno local do Cone Sul de Rondônia, com aproximadamente 2.500 habitantes, abrangendo uma grande diversidade cultural e turística, por ser agraciada com o curso do Rio Guaporé em seu entorno.

Nesse intuito, as possibilidades do uso da etnografia no campo da investigação qualitativa/empírica foram avaliadas como uma possibilidade satisfatória para viabilizar os caminhos das coletas de dados, pois,

[...] a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. (Mattos, p.50, 2011).

Por se tratar de uma investigação do campo das ciências humanas em acompanhar o percurso da Festa do Divino Espírito Santo, a etnografia apresenta um leque de opções metodológicas, que por sua vez, “[...] têm que ser formuladas ou recriadas para atender à realidade do trabalho de campo.” (Ibidem). Por isso, Angrosino (2009), defende a partir da observação participante na pesquisa de cunho etnográfico, ser necessário que o pesquisador se mostre presente no local e com os participantes de sua pesquisa.

Detalhando uma linha paralela às considerações epistemológicas da base de uma pesquisa dessa natureza, Bogdan; e Biklen (1994), assinalam uma denominação de pesquisa etnometodológica, que embora os instrumentos sejam similares a uma pesquisa dita qualitativa, o diferencial desta se dão através de “microquestões com conteúdos específicos de conversas e vocabulários e com detalhes relativos à acção e à compreensão.” (p. 60).

Dessa forma, os dados expostos, foram adquiridos por meio de coletas teóricas acerca de obras relacionadas ao tema, contudo, consolidam pelos dados empíricos da etnografia de natureza qualitativa. Tendo em vista que as pesquisadoras se propuseram a participar e acompanhar a passagem da romaria na Cidade de Pimenteiras do Oeste/RO, a qual perdurou durante quatro dias consecutivos no ano de 2024. Período marcado pelas celebrações, ritos, festas e momentos relacionados à temática investigada.

Por tanto, as pesquisadoras estiveram presentes em todos os momentos, desde a missa inicial até as vigílias diárias, além da coleta de dados por meio da percepção dos participantes durante diversos momentos da festa. Durante os eventos, foram realizadas entrevistas individuais com quatro dos componentes do corpo romeiro, e com alguns devotos que estavam presentes nas cerimônias, onde além de responderem a ficha de questões abertas previamente elaboradas, os entrevistados tiveram espaço para compartilhar sua trajetória ao longo do caminho do Divino, que por sua vez, os diálogos foram gravados ou anotados no diário de campo e transcritos posteriormente nas análises dos resultados.

4 RESULTADOS: ENTRE SÍMBOLOS, RITOS E IMAGENS

A Festa do Divino Espírito Santo, entre seu percurso fluvial pelo Rio Guaporé, vai transmitindo e manifestando por meio de símbolos, ritos e cores, a beleza da tradição e da fé de seus seguidores e propagadores.

Conforme a realização da pesquisa no campo empírico é demonstrada a seguir, as nuances dessa festa, descrevendo os detalhes dos momentos os quais foram registrados entre fotografias, entrevistas e diálogos com os participantes.

4.1 SÍMBOLOS PRESENTE NA ROMARIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DO VALE DO GUAPORÉ

A beleza presente no visual da festa, segundo os devotos e apreciadores da manifestação religiosa realizada em virtude da crença do Senhor Divino Espírito Santo, a simbologia presente no ritual, representa a presença do Espírito Santo, despertando o sentimento que engloba a historicidade, informação e o sentido da crença.

As religiões englobam textos religiosos, rituais, e obras de arte como símbolos de ideias convincentes ou ideais. Os símbolos ajudam a criar um corpo que exprime os valores morais da sociedade, os ensinamentos, criando um sentimento de solidariedade entre os seguidores, ou funcionando como uma forma de trazer um adepto mais perto de seu deus ou deuses. (Zaira, O Papel dos Símbolos no Processo Educativo e Religioso, 2021, p. 14).

Durante a romaria da Festa do Divino Espírito Santo a qual esteve realizando seu ritual no Vale do Guaporé no Município de Pimenteiras do Oeste, foram perceptíveis entre toda a simbologia presente no movimento, três grandes símbolos que ganharam maior visibilidade e representatividade, sendo estes a bandeira, a coroa e o cetro que foram carregados e venerados pelos devotos ao longo de todas as celebrações.

A bandeira do Divino é de cor vermelha, e contém o símbolo do Espírito Santo estampado em seu centro, uma pomba branca que representa pureza, paz e a presença divina. Ainda junto à Bandeira no mastro, simboliza confiança e credita dos fiéis, são amarradas pelos devotos ao longo da celebração inúmeras fitas coloridas, com o intuito de assegurar seus votos, geralmente em cores que reforçam virtude divina, sendo vermelha para simbolizar a caridade, verde a esperança, azul diz respeito à fé, branca representa a paz, amarela exprime a sabedoria, rosa remete à beleza, roxa reflete a justiça. Outro símbolo ícone da Romaria é a coroa dourada que simboliza o poder do imperador e humildade. Já o cetro, além de poder, representa o respeito ao comando do império real e humilhação.

Figuras 3 e 4: Bandeira - Cetro e Coroa



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Além desses três símbolos, a romaria é repleta de outros símbolos significativos, que vão desde os instrumentos sonoros utilizados até mesmo os barcos utilizados pelos romeiros. Para a Romaria foram utilizadas três embarcações, um barco motorizado, conhecido como “Mestre Tiago”, uma chata batizada como “Dalila”, e o Batelão.

O “Mestre Tiago” demonstra um motor de alta potência ao qual transporta as outras embarcações (anexadas), guarda também o gerador de energia. O mesmo possui um pequeno alojamento aos quais ficam hospedados: o comandante do barco, zelador, Alferes da bandeira, encarregado da Coroa e o motorista.

Figura 5: Mestre Tiago



Fonte: Marcela Bonfim, 2024.

A “Dalila” é uma pequena balsa, a mesma serve de alojamento aos outros componentes e devido ao grande espaço, ainda comporta cozinha, banheiro e um porão de depósito para suprimentos.

Figura 6: Dalila



Fonte: Marcela Bonfim, 2024.

O “Batelão”, chamada também de “Carité” que para os componentes quer dizer “igreja”, é onde a Coroa do Divino Espírito Santo permanece durante toda a viagem, saindo somente para ser entregue às comunidades durante sua caminhada. Este barco além de transporte se torna uma capela fluvial abençoada, a qual conduz com ajuda dos remos (além de ajudar no deslocamento pode ser utilizado para jogar água em sinal de saudação aos fiéis) os símbolos e os romeiros da aclamada festividade religiosa. Na Carité, há dois baús que servem para guardar a Coroa após a finalização do festejo e o dinheiro fruto das esmolas oferecidas pelos devotos.

Figura 7 e 8: Carité e os baús e Romeiros a bordo do Batelão



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Entre os símbolos sonoros mais utilizados, estão a buzina e a ronqueira, os quais são instrumentos de som para anunciar a chegada e saída do carité, assim como, sinais de chamados para início/fim das missas, vigílias e durante a caminhada de visitas nas casas, usados juntamente com fogos de artifícios. O símbolo de saudação denominado Meia lua expressa humildade aliança, por aqueles que o simbolizam no ato de saudação. Para os louvores, o instrumento mais utilizado é o violão, e o som de

tarol também fica reproduzido em todos os momentos da peregrinação. Dependendo da exigência e local da comunidade, são utilizados lenços e coletes geralmente brancos ou azuis, em forma de identificação dos romeiros.

Figuras 9 e 10: Primeiro mestre e seu violão e Caixeiro e seu tarol



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Figuras 11 e 12: Romeiros identificados com coletes lenços e Fogos de artifício que anunciam os momentos da chegada



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

4.2 CORPO ROMEIRO

Segundo as informações coletadas na Romaria realizada no Vale do Guaporé no município de Pimenteiras do Oeste/RO, são necessários em média 30 romeiros na procissão do Senhor do Divino Espírito Santo. De acordo com Zenóbio Mendes Nery, um dos romeiros entrevistados ao longo da pesquisa, a embarcação da Romaria que chegou à cidade no dia 01 de abril de 2024, foi formada por 40 tripulantes, sendo destes 36 romeiros, cada qual com sua função e responsabilidade. O corpo Romeiro é composto pelo encarregado da coroa, encarregado do batelão, alferes da bandeira, caixeiros, mensageiros, foliões, padres, mestres, saveiro e os remeiros.

Como o próprio nome diz o encarregado da coroa além de acompanhar a coroa, compete à direção imediata da Romaria, promovendo a fiscalização e o bom andamento da mesma. O encarregado do batelão é responsável pela comunicação do andamento da Romaria, comunicando às diretorias das comunidades as ordens recebidas e a hora de chegada e saída do Batelão.

Aos alferes da Bandeira, por sua vez, cabe conduzir a bandeira ao longo de todas as manifestações. Os mestres, geralmente são divididos em primeiro e segundo mestre, tocam violão e ficam responsáveis pelos cantores, denominados foliões, que são jovens em sua maioria menores de idade. Os mensageiros ficam responsáveis por avisar com antecedência de no mínimo 30 minutos a chegada do Batelão ao porto da comunidade. O saveiro deve salvar com a disparada de fogos de artifício e rojão da ronqueira¹⁰ a chegada e saída das localidades, nas horas de missa e alvorada. Os remeiros impulsionam o barco e fica à disposição para trabalhos gerais ao longo da romaria, como vigiar os símbolos. Os padres ministram as celebrações e adoração ao Espírito Santo.

Os integrantes do Batelão sempre são escolhidos um ano antes por meio de sorteio entre aqueles que desejam ir, seja para pagar promessa ou por ser enviado pela irmandade à qual pertence, para que possam se preparar e acompanhar a catequese de formação, realizada na sede das Irmandades, em Costa Marques.

Outras figuras importantes para a celebração é o imperador e a imperatriz, e ambos ficam responsáveis pela organização local do festejo e recepção dos que chegam, apesar de não fazerem o trajeto fluvial. Quando a romaria chega à comunidade cabe a eles receberem os símbolos e os acompanhar em todos os momentos, nas celebrações e visitas nas casas dos devotos.

Com cerca de 30 anos de Romaria, um dos entrevistados, Zenóbio Mendes Nery, se mostrou contente e à vontade em compartilhar sua trajetória nos caminhos do Divino até este momento de sua vida. Movido por sua fé e devoção, Zenóbio, iniciou sua jornada como folião, posteriormente passou a ajudante do mestre, depois a encarregado do batelão, em outro momento integrou a tripulação como encarregado da coroa, e na 127ª romaria esteve como primeiro mestre, ou seja, responsável pelos Foliões. Sempre comprometido e participativo, sua jornada é motivo de orgulho, marcada por graças alcançadas e momentos incríveis, algo que segundo ele nenhum dinheiro no mundo pode comprar:

“Uma vez minha mulher adoeceu, eu disse que se Deus dessa saúde a ela quando precisasse de mim na Romaria, eu deixaria tudo e iria, eu poderia ter o emprego que fosse até mesmo uma proposta para ganhar um milhão por mês, mas eu dispensava para cumprir o chamado. E graças a Deus ela recebeu a bênção, e a partir desse momento estou disposto a participar, e a fazer a missão seja lá qual for à função”. (Nery, 2024).

Mesmo antes desse momento de aflição, a fé e confiança de Zenóbio no Senhor Divino já era imensa, esse episódio só fortaleceu sua relação e envolvimento com o movimento, o tornando um dos muitos agraciados pelos dons do Espírito Santo. Nesse relato, podemos perceber o intuito do festejo.

¹⁰ Ronqueira: base retangular com um tubo cilíndrico oco de ferro em que se coloca pólvora no fundo e que com um bastão inserido na sua extremidade oca é pressionado varias vezes, e depois de colocado fogo produzindo uma pequena explosão.

Francisco Gonçalves Neto, outro tripulante do Batelão, atuou na 127ª Romaria como promesseiro e orador, o virtuoso fiel, nasceu no Rio São Miguel e atualmente mora em Costa Marques. Carrega consigo uma história de vida capaz de comover os participantes. Segundo ele, nasceu em uma família religiosa e devota ao Espírito Santo, sendo em 1955 quando ainda criança, foi atingido por um raio, e em função da descarga elétrica ficou desacordado, em desespero sua família recorreu a Terceira pessoa da Santíssima trindade:

“Meus pais pediram ao Espírito Santo que, se eu ficasse bom, eu iria cantar no Batelão. Eu estava desacordado, colocaram velas em minhas mãos, realizaram inúmeras orações e preces, foi então que meia noite eu reagi, acordei pedindo água, e em seguida retomei a consciência”. (Neto, 2024).

Como prometido, em função da interseção do Divino Espírito Santo, em 1962 ele iniciou sua jornada como folião na Romaria, e desde então, sempre se manteve presente, atuando posteriormente como encarregado do batelão, auxiliar da bandeira, imperador, encarregado do Batelão, remeiro, e sua mais recente atuação nessa 127ª Romaria, como promesseiro e orador.

4.3 UMA BREVE PASSAGEM DA ROMARIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM PIMENTEIRAS DO OESTE, 2024.

Em demonstração de devoção, os fiéis do Divino Espírito comemoraram entre os dias 01 a 04 de abril de 2024 a 127ª Romaria Divino Espírito Santo em Pimenteiras do Oeste. Para a realização da caminhada ao longo do Vale do Guaporé, os preparativos se iniciaram no dia 25 a 28 de março de 2024, em Costa Marques/RO (sede das Irmandades), no qual todos os componentes que fizeram parte da caminhada se submeteram ao curso de Catequese sobre a festa. Além de receberem aconselhamentos espirituais, adquiriram orientações e treinamentos sobre a postura e comportamento durante o trajeto. Vale ressaltar que, a catequese é uma exigência determinada pelo Estatuto:

Art. 36º- Todos os membros da Romaria deverão participar de vários dias de catequese e preparação antes da saída do Batelão do Divino. (Conselho Geral Da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé: Estatuto Geral da Irmandade do Divino do Vale do Guaporé, 2003: 11)

Após essa preparação, a Romaria saiu da sede de Costa Marques no dia 28 de março de 2024, às 16h00min horas da tarde, com destino a cidade Pimenteira do Oeste, sendo esta, a primeira localidade a ser visitada de acordo com o roteiro montado pelas Irmandades.

Assim, a Romaria chegou à cidade de Pimenteiras do Oeste no dia 01 de abril, ancorando ao porto do município às 9h 15min da manhã, onde foi recepcionada por acalorados cânticos, fogos de artifícios e muita alegria pelos fiéis presentes, entre eles estavam algumas das figuras emblemáticas

dessa tradição, o Imperador, a Imperatriz e os Alferes da Bandeira, assim como ilustra a figura 13 e 14 a seguir.

Os momentos de passagem do Divino Espírito Santo pelas casas, ruas e igreja, foram registros e acompanhados pela pesquisa, através de fotografias, entrevistas e diálogos com os participantes na romaria.

Figura 13 e 14: Recepção e pessoas importantes da festa



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Durante toda a recepção ficou explícita a comoção dos fiéis que ansiosos esperavam sua chegada ao porto, tanto aqueles que em sinal de gratidão pelas bênçãos alcançadas pagavam suas promessas¹¹ imersos no rio, como também aqueles que se deslocaram das redondezas para prestigiar como tradição esse grande momento de devoção.

Em particular, houve uma cena que se destacou em meio à multidão recepcionista presente no porto, uma senhora ao avistar a Romaria na curva do rio, em sinal de sua fé pôs-se de joelhos em meio ao chão e ali permaneceu em oração, ajoelhada ao cascalho aquecido devido sol, tendo somente sua filha e sua neta segurando um guarda sol ao seu lado. Tal senhora voltou-se a levantar somente ao final da cerimônia de boas-vindas da comitiva. Momentos extraordinários e comoventes como este, podem nos dar uma noção da profundidade da fé depositada ao Divino Espírito Santo, e como esse povo mantém viva tal cultura em seus gestos e símbolos.

¹¹ A maioria dos devotos pagam suas promessas dentro do rio com a água perto dos quadris, em suas mãos, um prato com velas. Isso varia de acordo com a intenção de cada um. As ações dos fiéis podem ser o oferecimento de um almoço, jantar, ceia ou café da manhã em suas casas, ou até mesmo, contribuindo com a organização e preparo dos alimentos.

Figura 15: Senhora pagando sua promessa



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Após a Romaria do Divino Espírito Santo, ancoram-se no porto da cidade todos os componentes, sendo esses remeiros, encarregado da coroa, encarregado do batelão, alferes da bandeira, caixeiros, mensageiros, foliões, padres, mestres e saveiros, descem da carité com os três símbolos ícones do Divino: a Bandeira, o Cetro e a Coroa. Ainda na chegada ao porto, o Santo é venerado primeiramente pelo Imperador que tornará a conduzir a coroa e a Imperatriz que conduzirá o Cetro, e posteriormente se dá a veneração aos promesseiros. No ritual de veneração, todos andam de joelhos e beijam os três símbolos do Divino.

Figura 16 e 17: Símbolos do Divino e Imperador com a Coroa



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Em seguida, com todos os componentes em posse de sua função, a imagem do Divino Espírito Santo segue para a igreja que fica na avenida principal próxima ao rio. Os personagens de extrema autoridade que conduzem os três símbolos do Divino se posicionam no altar da Igreja, os romeiros se organizam envolta da Bandeira, da Coroa e do Cetro para dar assistência aos devotos e cuidar de qualquer empecilho que venha surgir. Com isso, é formado uma grande fila ao centro da Igreja, aberta à toda população que dará continuidade às reverências, sempre em presença de cânticos pelos foliões.

Todos esses símbolos demonstram o cuidado em cada detalhe para que o evento possa transcorrer seguindo a tradição histórica e cultural (Marx; Engels, 2021), entre os seus fieis.

Figura 18 e 19: Romeiros em volta dos símbolos e momento de reverência



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Logo após, terminada as recepções de chegada e as venerações ao Divino Espírito Santo, acontece uma pequena pausa, onde ocorre um momento de apresentação da Irmandade local e dos componentes presentes na caminhada da Romaria, aos quais apresentam com o seu nome, sua função, a cidade a qual reside e caso, sintam-se à vontade ou livres, dizendo se é promesseiro ou se apenas foi enviado por decisão da Irmandade de sua localidade.

Nessa ocasião, se fez presente cinco padres, sendo três deles estavam acompanhando a Romaria pelo Vale do Guaporé e dois vieram de cidades vizinhas para homenagear a presença do Divino Espírito Santo.

Posto isso, se deu uma corrente de oração, cantos, agradecimentos e informes sobre os próximos passos da romaria na cidade. Na ocasião, anunciaram que se daria a um almoço oferecido por uma família devota aos participantes. Antes de ser servido qualquer alimento à Romaria, é feita uma oração pelo anfitrião, adicionando algum pedido da família em questão, geralmente sendo pela saúde de entes queridos, por algum momento de dificuldade, dentre outras.

Podemos perceber que o emblema da tradição do Divino Espírito Santo, celebrado há 127 anos pelo Vale do Guaporé trouxe consigo novos olhares para a cidade de Pimenteiras do Oeste, pois houve a presença de alguns alunos de escolas dos arredores e de cidades vizinhas, tais como, Colorado do Oeste e Cabixi. Além disso, houve a presença da equipe Diversidade Amazônica, aos quais tinham como objetivo registrar e ilustrar em um documentário a história do Divino Espírito Santo pelo Vale do Guaporé, assim como, já vinham trabalhando o projeto "3ª Oficina de Fotografia: Faces do Quilombo" ainda em andamento, pela coordenadora Andréia Machado na Comunidade Quilombola de Santa Cruz.

A peregrinação nas casas dos devotos iniciou-se no período da tarde do dia 01, precisamente depois do almoço. Nos dias 02 e 03 iniciou após o café da manhã e terminou um pouco antes do

almoço. Após o almoço, houve uma pausa de descanso e também para a troca de turno de romeiros, do mestre dos foliões e dos foliões.

Figura 20: Momento de oração antes do almoço



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Por volta das 14:30 da tarde, todos que desejavam acompanhar a caminhada, retornavam ao local da refeição para retomar as visitas domiciliares. Com isso, a Romaria se preparava para se despedir da família a quem lhes ofereceu o alimento, e os foliões se puseram a cantar. No momento do canto de despedida, todas as pessoas da casa veneravam o Divino Espírito Santo e davam suas esmolas e assim o saíram para continuar as visitas nos lares.

As visitas nas casas eram em torno de 30 minutos (momento de parada), para aqueles que ofereciam algum lanche. O lanche geralmente eram os seguintes alimentos: sucos, refrigerantes, bolacha, bolos, tortas, melancia, chicha (bebida boliviana), salgados ou qualquer alimento que o devoto pudesse oferecer, visto que não é obrigatório. Em outras casas, o Divino Espírito Santo apenas entrava para veneração, pegar a esmola¹² e saía rapidamente.

Tal partilha, é representada pela observação no campo de pesquisa, como sendo um momento marcado de grande zelo de quem recebe e oferece a refeição. Simboliza em sua essência a partilha fraterna da fé e do pão.

¹² Esmola: oferta em dinheiro de qualquer quantia ao Divino Espírito Santo.

Figuras 21 e 22: Momento de parada com refeição e entrada com coleta de esmola e saída rápida



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Após finalizarem as visitas domiciliares no período da tarde por volta das 17:30 horas, acontecia a parada para o jantar na casa de um devoto. Tal momento se dava em oração. Em seguida, após parada, as pessoas que acompanhavam o Divino Espírito Santo retornavam para suas casas para tomarem banho e os Romeiros trocavam de turno indo ao barco Dalila fazerem suas higiênes. Posto isso, todos retornavam ao lugar da janta, onde se dava um novo momento de oração em agradecimento ao alimento. Seguido do jantar, o baterista convidava todos com o seu batuque a se reunirem, pois já estavam a se despedir da família visitada em direção à igreja para seguir com seus ritos de adoração.

Figura 23: Momento do jantar



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Mais tarde, após o jantar, foram dadas velas¹³ aos participantes para iniciarem a caminhada em procissão com destino à igreja, onde foi feita a missa, as orações, esclarecimentos para a caminhada do dia seguinte e decorrente a isso, aconteceu uma roda de cantorias e devoção. Esse momento é o mais esperado, pois se nota o quanto é grande o ardor pelo Divino Espírito Santo, a casa de Deus fica cheia de devotos que creem e agradecem as bênçãos que tenham alcançadas, além de colocarem suas aflições nas mãos do Divino Espírito Santo, conforme relataram quando entrevistados.

¹³ Para a Romaria, as velas simbolizam o Cristo ressuscitado, a Luz do mundo além de ser um costume muito antigo da Igreja. Levando isso em consideração, as velas estão presente em todos os momentos da caminhada, nas visitas e procissões.

No dia 04, todos se preparavam com os corações apertados para a saída do Divino Espírito Santo. De início houve o café da manhã, seguido da peregrinação nas últimas casas a serem visitadas naquela manhã, com parada para o almoço na casa do Imperador João de Brito. Muitos devotos foram prestigiar a última refeição e os últimos momentos do Divino Espírito Santo na cidade, aguardando o descanso e a saída para a igreja para uma derradeira veneração.

Figuras 24 e 25: Chegada do Santo na casa do Imperador e presença dos padres durante a partilha de alimentos



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

A saída do Divino Espírito Santo estava marcada para as 16 horas da tarde. Em vista disso, para que desse tempo de todos venerarem o Divino, o qual sofreu atraso na chegada, deu-se um momento de novena, e após se pôs uma nova fila no centro da igreja com o objetivo de receber as esmolas e qualquer outro tipo de agradecimento que os devotos se propuserem a doar. Muitos amarravam nas fitas dos Símbolos do Divino, notas de dinheiro com maior valor ou simplesmente algum terço para que fosse abençoado.

A fila formada para despedida foi tão grande quanto à da veneração na chegada, geralmente quem não acompanha a peregrinação nas casas por algum motivo, não deixa de cumprir com sua obrigação na chegada, nas missas e novenas à noite e de principalmente comparecer na igreja para prestigiar a saída e entregar sua esmola. Enquanto o Divino está recebendo as esmolas, os foliões são instruídos a todo instante por seu mestre, ao qual seguem cantando, a cada instante, cânticos de despedidas.

Figura 26: Devotos em despedida e ofertando suas esmolas ao Santo



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

A despedida assim como a recepção das embarcações acontece no cais da cidade de Pimenteiras do Oeste, sempre memorável e digna de comoção, desperta uma sensação de aperto no coração dos fiéis que durante sua passagem abraçaram de corpo e alma o movimento. Apesar de doloroso o momento de despedida, nota-se, nos olhares uma renovação de esperança, pois significa que a presença divina esteve ali olhando e intercedendo a aqueles que o invocaram.

À medida que vão se despedindo da Romaria do amado Senhor Divino Espírito Santo, (fotografia a seguir), os fiéis permanecem cantando e adorando, até que as embarcações não possam mais ser vistas em seu campo de visão, e assim se despedem, não com um adeus, mas sim com um “até breve”, pois ele, O Divino Espírito Santo permanece presente e sempre vivo em seus corações. É notado que essa festa, permite, ainda, além da simbologia, a certeza que os fiéis remetem a presença Divina. Segundo os relatos, é como, que, as águas levem em seu curso, todos os problemas, angústias e preocupações, renovando suas esperanças e forças para lidar com as adversidades que a vida proporciona no cotidiano.

Figura 27: Cerimônia de saída



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tais considerações, logo de antemão, podem significar um “até breve” nesse trabalho, pois, o mesmo carece de continuidade aprofundada nas pesquisas a partir desse objeto e dessa natureza etno-qualitativa.

Quando nossos olhares se deram no reflexo das águas do Rio Guaporé no Município de Pimenteiras do Oeste na 127ª Romaria do Senhor Divino Espírito passou a visualizar um local demonstrado por uma estrutura histórica e cultural da manifestação de fé, devoção, tradição de um povo. Cujos símbolos, gestos, objetos, vestimentas, olhares, acenos, orações, representam a crença que emana pelo tempo e pela história cultivada, (Vigotski; Luria, 1996).

Foi vislumbrada na festa do Divino Espírito santo, a presença das cores na arte dos detalhes culturais, bem como, a união entre as diversas comunidades do local e próximas ao local. Tal união é materializada pela partilha, pela receptividade e carisma entre os participantes.

Na verdade uma festa de fé, devoção e tradição ao Divino representada pelas pessoas das Irmandades, onde a Romaria percorreu por 40 comunidades/povoados diferentes à margem do Rio Guaporé. Tal Romaria desenvolveu unindo povos ribeirinhas, quilombolas, indígenas, negros, pescadores, enfim, pessoas de vida simples, as quais cultivam suas raízes históricas-culturais de forma viva e ativa.

Mediante tal manifestação de fé, cultura e tradição, destacamos com esse trabalho a sua contribuição para a ciência e para empiria dos envolvidos nesse trabalho. O importante papel de pesquisas dessa natureza em propagar por meio das ciências humanas, a história e a cultura em um evento tão grandioso para os envolvidos. Cujos resultados, apresentam a demonstração da fé marcada pela união entre as pessoas participantes, ora partilhando a própria fé, ora partilhando as refeições entre suas casas e comunidade.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora, 1994.
- DIRETORIA DA IRMANDADE DO SENHOR DIVINO ESPÍRITO SANTO, Diocese de Guajará Mirim-RO, 2011.
- ESTATUTO GERAL DA IRMANDADE DO DIVINO DO VALE DO GUAPORÉ, 2003.
- FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PIRENÓPOLIS/GO. Disponível em: <https://bcr.iphan.gov.br/bens-culturais/festa-do-divino-espírito-santo-de-pirenopolis-go/>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- KLEIN, Remí. O papel dos símbolos no processo educativo e religioso. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, RS, 2021.
- MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (Orgs.). Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível em: <http://books.scielo.org>.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- NASCIMENTO, Ilanna Maria Izaias; SOUSA, Maria Aparecida Silva. Memória e representação de D. Pedro II e sua corte imperial na festa do Divino Espírito. In: MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (Org.). Cultura, educação, memória e saberes. 1. ed. Uberlândia, MG: Navegando Publicações, 2020. p. 99-107.
- SILVA, José Williams. Nas Trilhas do Divino Espírito Santo em Rolim de Moura do Guaporé/RO. Revista Veredas Amazônicas, s.l., v. 4, n. 1, p. 47-75, jan./jun. 2015.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. A história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artmed, 1996.